

III FÓRUM DE  
EDUCAÇÃO  
Região Metropolitana  
do Vale do ParaíbaIII CONISE  
III Congresso Internacional  
Salesiano de Educação4º Seminário  
PIBIDDireitos Humanos e Formação de Professores:  
tensões, desafios e propostas

## Direitos Humanos e Timor-Leste: a frente de escritores para a defesa do valor da vida, liberdade e paz

Suillan Miguez Gonzalez  
UNISAL/Lorena  
suillan2005@yahoo.com.br

Eixo temático: Docência e promoção de culturas de paz: educação social e direitos humanos

### RESUMO

Este trabalho discute os laços de solidariedade entre escritores africanos e timorenses na união de vozes para combater o período de silenciamento do povo de Timor-Leste – ex-colônia portuguesa localizada no sudeste asiático – devido ao longo período (25 anos) de sangrenta invasão empreendida pela Indonésia iniciada em 1975. Percebe-se, a partir da análise das relações de escritores moçambicanos e angolanos com escritores timorenses, a iniciativa em legitimar e registrar a importância do valor da vida, liberdade e paz do povo leste-timorense por publicarem obras com tal temática no momento de contrariado subjugo. Para elucidar tal diálogo, prefácios, poesias e trechos de obras foram trazidos à baila, de maneira que o contato entre literatas acabou por formar uma frente de defesa aos direitos humanos em resposta ao chamado-denúncia contido na obra de poesias *Mar Meu* do timorense Xanana Gusmão, de que reconhecidos escritores africanos e portugueses participaram, como Mia Couto, Agualusa; Craveirinha; José Jorge Letria e Ruy Cinatti.

**Palavras-chave:** Direitos Humanos. Timor-Leste. Solidariedade. CPLP.

### Introdução

Partindo do imaginário local, a narrativa fundacional do surgimento da ilha de Timor diz respeito a um crocodilo que viaja pelo mar em busca de seu destino e se deixa ficar, à deriva, naquelas águas em que o tempo o petrifica sob o desenho de montanhas. É pela oralidade que esta lenda foi perpetuada e é o ponto de partida, na cosmovisão timorense, do início de uma relação de enraizamento de verdades culturais em tal território, que por vezes, foi maculado pela apropriação portuguesa, japonesa e, por fim, indonésia.

No *lafek*<sup>1</sup>-Timor, apesar do isolamento a que uma ilha pressupõe, havia intenso diálogo com a vizinhança, a ponto de, por volta de 1515, negociantes portugueses chegarem a Timor interessados no já lucrativo comércio de sândalo da ilha – líderes timorenses da costa trocavam sândalo trazido do interior montanhoso por armas portuguesas, tecidos e instrumentos de ferro. Estas visitas, a princípio, tiveram poucas consequências, até porque

<sup>1</sup> Em tétum, significa crocodilo.

grande parte da população morava em pequenos vilarejos, relativamente afastados e dedicados à agricultura de subsistência e às religiões animistas.

No final do século XVI, frades dominicanos estabeleceram uma missão, para logo depois virem os Topasses<sup>2</sup> ou portugueses negros que iniciaram a difusão da cultura e influência portuguesa, assim como passaram a controlar as redes locais de comércio. Em contrapartida, os holandeses também iniciaram empreitadas na ilha para adquirir sândalo e escravos, e, obviamente, as duas forças coloniais logo começaram a disputar a unívoca influência sobre o território. Os dois séculos que se estenderam foram marcados por conflitos pelo domínio do poder entre portugueses, topasses, holandeses e os timorenses, embora os primeiros prevalecessem.

O explorador britânico Alfred R. Wallace, em 1860, relata a situação de Timor durante os primeiros 300 anos de governo colonial português, evidenciando que Timor foi a colônia que menos despertou o interesse de Portugal:

O governo português em Timor é muito miserável. Ninguém parece se preocupar o mínimo com o progresso do país, e neste momento, depois de trezentos anos de ocupação, não foi construído nem um quilômetro de estrada para além da cidade (Díli) e não há uma única residência europeia no interior. (SANT'ANNA, 1997, p. 21)

No final do século XIX, muda um pouco a relação metrópole-colônia; Portugal se compromete a crescer economicamente para tentar alcançar seus rivais europeus e afastar ameaças a suas colônias por parte da Inglaterra, Alemanha e França. A estratégia utilizada para explorar Timor-Leste ocorreu via opressão, com trabalho forçado tanto no cultivo como na construção de infraestrutura, além da cobrança de impostos, o que culminou em sérias revoltas, abalando o controle do governo português. Os reforços de tropas africanas acabaram por reprimir, de forma violenta, os timorenses. Posteriormente, em 1913, ocorre a formalização da divisão oficial em Timor Oeste (holandês) e Timor Leste (português).

No que seriam as Guerras de Pacificação, encabeçada pelo português Celestino da Silva, conhecido como o Rei de Timor, as fronteiras dos reinos foram retraçadas nos mapas, enquanto que a população estava dispersada e errante. Muitas aldeias encontravam-se desertas, vítimas de combates, varíola e fome. Em *Crônicas Timorenses* (2009), livro com histórias documentadas comprometidas em descrever o período de 1910 a 1965 de Timor, Joana Ruas dá voz às considerações do poeta timorense Fernando Sylvan sobre este momento obscuro para a população:

---

<sup>2</sup> Eram descendentes de soldados, marinheiros e negociantes portugueses e mulheres das ilhas vizinhas.

O escritor timorense Fernando Sylvan, num texto que escreveu, afirma que durante 400 anos dois estados haviam disputado o território esquecendo as populações, a sua história e a sua cultura, dando origem a um mosaico inquietante de pessoas em trânsito, sem família ou com o que delas restava, formando estas outras combinações abertas ou rigidamente fechadas para sobreviverem. Tudo isto, segundo Sylvan, deu origem ao maubere e foi o maubere o fermento de uma consciência e de uma Nação (RUAS, 2009, p. 45)

Com a Segunda Guerra Mundial declarada, o pouco esforço português em estruturar e se valer de Timor foram interrompidos. A ilha foi tomada e usada como linha de defesa contra o avanço japonês. Em 8 de novembro de 1942, dá-se o bombardeio dos *matan-bubu*<sup>3</sup> contra os holandeses em Díli, 94 explosões deixaram apenas 10 casas intactas. No restante do território, desapareceram as povoações de Manatuto, Lautém, Ailu, Maubisse, Ainaro, Viqueque e Ermera.

O relato ressentido do comandante japonês Iwamura Shouachi comprova o sofrimento imposto aos timorenses, que, pela segunda vez, eram subjugados. Primeiro, pelos “conquistadores velhos” (Portugal e Holanda), depois, pelos “conquistadores novos” (Japão e Indonésia):

É doloroso falar hoje dos sacrifícios e fardos que impusemos ao povo de Timor Leste... Ordenamos a chefes que mobilizassem pessoas em massa para a construção de estradas...para trabalharem sem receber comida ou compensação.

Devido à escassez de alimentos, pessoas morriam de fome todos os dias. A comida para os soldados japoneses e cavalos para transportar munição eram confiscados do povo e alguns soldados da tropa sob meu comando estupraram mulheres timorenses (SANT’ANNA, 1997, p. 23-24)

Com a derrota do Japão em 1945, Portugal reassume seu poderio, assim como os instrumentos de autoritarismo para a contenção social. Trinta anos depois, a metade da ilha já designada como Timor-Leste ou *Timor-Lorosae* – pertencente ao arquipélago de Java, na parte oriental do mundo, apesar de colonizada por portugueses – foi invadida pela Indonésia, precisamente em 1975, na operação nomeada *Komodo*, cujo objetivo alegado era o de que os dois povos se tornariam, enfim, “sama-sama”. Tal termo muito bem representa a postura discordante das partes, já que “sama” significa “igualdade” na língua indonésia, e ironicamente, “pisar/esmagar” no tétum, língua de uso social em Timor. Em discurso proferido em Díli, em 1990, o Ministro da Defesa da Indonésia desencorajou a luta pela independência, em tom ríspido, confirmando a versão tétum de “sama”:

---

<sup>3</sup> Em tétum, significa olhos inchados.

Não sonhem em ter...um país de Timtim (nome dado pela Indonésia a Timor Leste). Isto não existe!...De agora em diante, Timtim é o mesmo que outras regiões. Por isto não tentem ser heróis de última hora, batendo no peito e proclamando, 'Sou um patriota de Timtim'. Não existe uma nação Timtim, só existe uma nação indonésia...

Se vocês tentarem criar seu próprio país...ele será esmagado pelos (militares indonésios)...Rebeliões maiores têm ocorrido, têm havido maiores diferenças de opinião com o governo do que aquelas do pequeno número que se chama Fretilin, ou sejam quais forem seus simpatizantes aqui. Vamos esmagar a todos eles! Repito, vamos esmagar a todos eles! (SANT'ANNA, 1997, p. 26-27)

Antecedendo o panorama mencionado acima, houve divergências quanto ao momento político mobilizado para a independência da então colônia portuguesa. Partidos políticos foram fundados com frentes e ideais pouco sintonizados, a ponto de fragilizar a ordem local. A esta altura, o governador português entendeu a também estéril situação do colonizador, sombrio na transição do poder. Nesse sentido, houve mais uma marcante fuga histórica portuguesa, desta vez de Timor, ao atinarem-se para as intenções expansionistas do ditador indonésio Suharto, apoiado pela Austrália e pela força bélica estadunidense.

A motivação não se centrava na integração cultural dos povos, e sim, no rendimento a que se poderia alcançar com a fonte petrolífera do Mar de Timor. Por isso, usaram dos mais diversos instrumentos de guerra, sem declará-la, porque sabiam que enfrentariam uma possível intervenção da ONU, e principalmente, seguros do desinteresse e alienação do resto do mundo.

O balanço dos vinte e cinco anos de imposição da língua indonésia, da educação militarizada, dos campos de concentração, da fome e doenças, das violações contra as mulheres e crianças, dos roubos, dos massacres, da destruição das casas e dos ícones culturais foi o de 200 mil timorenses mortos; além da formação e consagração da resistência timorense: guerrilha forjada e recuada nas montanhas, liderada, oficialmente, por Xanana Gusmão; e o exílio, a dispersão de famílias como meio de preservar a vida.

Partindo de uma situação delicada e de impedimento, como a demonstrada, é que se pode pensar que a produção literária timorense é essencialmente de diáspora e de difícil reunião, organização ou mesmo divulgação, para os interessados e para os próprios timorenses que foram inviabilizados por terem suas instituições ruínas e censuradas.

Há de se lembrar do desaparecimento do poeta Jorge Lautém pelo advento da invasão e tantos outros talentos ceifados pela brutalidade dos soldados de Suharto, e outros falecidos precocemente como o elevado poeta Fernando Sylan e Borja da Costa. Pode-se apontar o caráter fragmentário de um projeto maior de literatura timorense, com interrupções

e recomeços a depender da situação política do país. Muitas das obras já publicadas se direcionam a leitores estrangeiros, prova disso são as inúmeras notas de rodapé com traduções de termos em tétum, das línguas distritais ou das siglas dos movimentos partidários com o intuito de contextualizar o público não somente oferecendo a tradução, mas explicações culturais referidas ao povo de Timor.

Mesmo não havendo um movimento coeso de escritores na diáspora, percebe-se que a denúncia quanto às infrações dos direitos humanos realizadas contra o povo timorense é o ponto aglutinador da prosa e poesia. Em verdade, é a militância em prol da liberdade de ser timorense e não indonésio, a reivindicação primeira, para culminar no registro doloroso do que se passou nos longos anos da presença forçosa do país vizinho.

A literatura, mais que um objeto artístico, ganhou, no caso de Timor, o papel de mensageira, de divulgadora e agregadora de simpatizantes para a causa de libertação da nação, principalmente, na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Publicaram-se, com isso, obras dedicadas a reiterar o movimento da resistência, ao mesmo tempo em que estas revisitaram todas as mortes integrantes de uma memória coletiva e histórica permanente, instituída na reestruturação do país a partir do Museu da Resistência Timorense.

Por muito tempo, todas as violações para o aniquilamento de milhares de leste-timorenses foram invisíveis a todos nós, até que um jornalista filmou e divulgou em escala mundial o ocorrido no que ficou conhecido como Massacre do Cemitério de Santa Cruz – 12 de novembro de 1991 –, em que um cortejo de milhares de timorenses acompanhava o enterro do jovem Sebastião Gomes, assassinado por soldados indonésios por protestar contra o regime opressor do invasor. Esse massacre diz respeito ao fuzilamento da maioria das pessoas que se solidarizaram com a coragem de Sebastião em expressar o descontentamento que era, em verdade, de todos. Abriram fogo dentro do cemitério e sem critério algum, mataram crianças, jovens, mulheres, idosos, estrangeiros. As imagens funcionaram como prova cabal para que a omissão dos principais órgãos reguladores de direitos e de intervenção cessasse.

A incansável mobilização dos timorenses Ramos-Horta e Dom Ximenes Belo pela solução justa e pacífica da situação deflagrada no país rendeu o reconhecimento internacional: foram laureados com o Prêmio Nobel da Paz, em Oslo/Noruega, em 1996. Houve, à luz de tal acontecimento, a confiança e o apoio de diversos literatas, demonstrados nos prefácios das obras de timorenses, e mesmo, na produção de livros sobre Timor.

A grata descoberta de verdades culturais sedimentadas na honra, na palavra e na paz da pequena grande nação de Timor-Leste, somada à colonização portuguesa, rendeu às Literaturas de Língua Portuguesa a possibilidade de nova dinâmica: a tomada de atitude

solidária, a intervenção pelo direito à liberdade.

A começar pelo prefácio inspirador de Mia Couto para o livro de poesia *Mar Meu* (1998) do chefe da guerrilha timorense Xanana Gusmão, no qual lança mão de questionamentos que revitalizam a possibilidade de um mundo menos em pedaços e mais colaborativo: “Neste estilhaçar de tempo e mundo que lugar tem a solidariedade? Quanto nos pode ocupar a injustiça que ocorre distante quando, tantas vezes, fechamos os olhos àquela que tem lugar no nosso próprio lugar?” (GUSMÃO, 1998, p. 6). Responde às indagações pensando no exemplo de Timor:

Timor parece erguer-se como prova contrária a estes sinais de decadência. Afinal, há alma para sustentar causas, erguer a voz, recusar alheamentos. Uma nação distante se reassume como nosso lar, nossa razão, nosso empenho. O sangue que se perde em Timor escorre de nossas próprias veias. As vidas que se perdem em Timor pesam sobre nossa própria vida. (GUSMÃO, 1998, p. 6)

A ocasião da confecção e publicação da obra de Xanana Gusmão, conhecido por liderar a resistência em Timor, é regida por sua prisão efetuada pelos soldados indonésios em novembro de 1992. O julgamento oferecido não permitiu defesa, mas o apenou a prisão perpétua, sendo encarcerado em Cipinang/Jacarta, local da produção das poesias e quadros que compõem o que se tornou o chamado à luta pela libertação nacional. Muitas vezes surgiram e se uniram como reforços a tal convocação e ao combate à impunidade e opressão indonésia.

Sophia Andresen, Agualusa e Craveirinha também se dispuseram a ser prefaciadores de obras literárias de timorenses, mencionando nos respectivos textos como se comoveram com a certeza inabalável destes sobre um futuro democrático e de paz para Timor, ainda que o cenário não fosse nada favorável. Cada um deles acaba por relatar como tomou conhecimento da situação do país, bem como das atrocidades sabidas por todos e mesmo assim não impedidas. Andresen foi apresentada a Timor por Ruy Cinatti, desbravador da cultura, natureza e relações com o povo leste-timorense:

O meu primeiro e inesquecível encontro com Timor foi aquela madrugada em que, ao chegarmos em casa, depois de não sei que festa, mal abrimos a porta da rua fomos surpreendidos por um barulho de vozes e risos. E quando abrimos a porta da sala vimos os nossos filhos – ainda pequenos – e a queridíssima criada Luísa sentados no chão em roda de Ruy Cinatti que tinha ao seu lado uma mala de onde iam saindo tecidos, objetos de madeira, caixas, pequenas estatuetas, punhais – e naquela noite de Lisboa cheirava de repente a sândalo. (...) me sentei no chão a ouvir as histórias de Timor, das árvores, das flores, dos búfalos, das fontes, das danças e dos ritos. (APARÍCIO, 1999, p. 11)

A escritora portuguesa se indigna com a falta de posicionamento da comunidade internacional, o que chama de “muro de silêncio”, diante do crime cometido pela Indonésia: “Mas pior do que tudo foi, durante muitos anos, a surdez das grandes potências democráticas defensoras dos direitos humanos” (APARÍCIO, 1999, p. 9).

Em tom mais atenuado, porém ao encontro da postura de Sophia Andresen, Agualusa escreve o prefácio de *Crônica de uma travessia – A época de Ai-Dik-Funam* obra de estreia do romancista timorense Luís Cardoso, em que faz alusão ao momento do primeiro contato entre ambos e da convicção inexplicável da reconquista do território tomado:

Conheci o Luís Cardoso em 1981, no Instituto Superior de Agronomia. Naquela época, Timor era ainda um lugar fora do mundo. Os guerrilheiros de Xanana Gusmão morriam nas montanhas sem que ninguém o soubesse – pior, sem que ninguém quisesse saber. Por vezes Luís falava do futuro como se houvesse futuro. Aquela espécie de esperança, feroz, determinada, à revelia do mais elementar bom senso, parecia-me uma doença. Ele, porém, defendia as suas posições com a paciente gentileza de um príncipe oriental, de tal maneira que a mim só me restava fingir que acreditava nele. Passaram-se quinze anos e o tempo deu razão àquela esperança. Hoje, Timor ocupa as atenções de uma parte importante do mundo, e quando um guerrilheiro dispara a sua arma, nas montanhas, o eco desse tiro ouve-se em Jacarta. (CARDOSO, 1997, p. 8).

Por sua vez, Craveirinha se manifesta no prefácio de *Andanças de um timorense* (1998) – romance de Ponte Pedrinha – sobre o poder da palavra que é vivida, porque é incontestavelmente sincera. Aponta o advento da invasão e diante disso “a negação da letargia e o redescobrir da luz do sol no belo espaço de uma Pátria, a Pátria autêntica” (PEDRINHA, 1998, p. 2), para completar com a declaração da ciência de que Timor-Leste “se fez de sangue, sacrifícios e luta” (PEDRINHA, 1998, p. 2).

A legitimação do conjunto de obras referidas compõe uma rede literária de solidariedade, em defesa à vida, à liberdade e à paz retiradas da rotina pacífica de uma civilização insular, cuja organização social e política é sólida e pautada nas tradições dos antepassados, no pacto com a verdade, na importância da honra, na formalidade das cerimônias, na cristianização portuguesa.

Tomando como fundamentais essas publicações de apoio aos escritores timorenses, é interessante que se parta a conhecer as suas vozes. Xanana Gusmão fez de *Mar Meu* um instrumento de comunicação e motivação contundente para uma espécie de nova convocação para a resistência, no Timor e no mundo. Os versos de Gusmão funcionaram como o próprio flagrante da repressão indonésia contra seu povo, gerando imagens devastadoras de tortura, no

poema “Gerações”:

Quando jovens seios  
Estremecem sob o choque eléctrico  
E as vaginas  
Queimadas com pontas de cigarro  
Quando testículos de jovens  
Estremecem sob o choque eléctrico  
E seus corpos  
Rasgados com lâminas  
Eles lembram-se, eles lembram-se sempre:

A luta continuará sem tréguas! (GUSMÃO, 2003, p. 38)

Outras tantas formas de silenciamento e aniquilação da dignidade humana foram utilizadas para o fortalecimento do medo e coação de um desejo inexistente de anexação territorial. Não havia limites para as atrocidades cometidas ou qualquer demonstração do valor à vida, ou melhor, do direito à vida em se tratando da política expansionista indonésia. Ainda, na mesma poesia, o poeta continua a descrever a desenfreada disposição para a bestialidade do intruso:

Um pai se ofendera  
No último não da sua vida

A mulher violada  
Assassinada sob os seus olhos

O cheiro da pólvora  
Vinha de muitos furos  
Daquele corpo  
Que já não era corpo  
Estendido  
Sem forma de morte (GUSMÃO, 1998, p. 38)

Um outro canto por justiça e paz surge com João Aparício em *À janela de Timor* (1999), em que não somente traz a resistência como ideologia compatível à retomada da soberania do território, mas conduz algumas de suas poesias a homenagear o líder da guerrilha, figura recorrente em se tratando da produção literária timorense no recorte temporal em questão.

O sucinto poema “Xanana” demonstra o alcance da luta empreendida por um povo para libertar-se, ainda que as garantias de direitos sejam universais, em Timor, inexistiram, e vergonhosamente, significaram mais um retrocesso para a história da Humanidade: “A ponta da tua baioneta,/Atinge todo o planeta” (APARÍCIO, 1999, p. 33). Em tom lírico, Aparício não recua quanto à denúncia dos arrastões de mortes instaurados no próprio país, na comovente



poesia “Aldeia das crianças”:

Oiço as vozes das crianças.  
Ao anoitecer,  
Os soldados passam pela aldeia;  
Depois vem o dia,  
E não as oiço. Nunca mais (APARÍCIO, 1999, p. 22)

A retratação da relação de intolerância do exército indonésio frente a inocentes marcou a impossibilidade de cultivar qualquer aproximação entre os povos. E, por isso, o triste teor verídico da cena contida nos versos de “A criança de Timor”:

*“Saya tembak kamu di tempat!”<sup>4</sup>*  
Disse então um militar javanês,  
Apontando a arma maldita  
A uma criança de oito anos,  
Depois de ela ter gritado:  
*“Viva Timor Leste!”* (APARÍCIO, 1999, p. 79)

Da poesia para a prosa, Domingos de Sousa se dedicou a elaborar o mais coerente dos heróis timorenses como personagem, invertendo a expectativa de uma trajetória marcada por virtuosidade, Colibere, – também título do romance – é o resultado de uma guerra desigual que leva à degradação do ser humano. Passou de mensageiro da guerrilha a prisioneiro em um campo de concentração; de torturado a assassino da mãe; de tresloucado inofensivo a mendigo em Díli; de timorense a total invisibilidade e indigência na multidão.

Rica em detalhes, a narrativa reconstrói a memória do povo timorense em meio à deflagração do caos, da prática da animosidade como recurso de imposição da nova gestão. Colibere é a grande testemunha da destruição da cultura, da própria aldeia, e em maior escala, do país:

Foi assim que Colibere viu com os seus próprios olhos como os invasores destruíram os livros nas escolas, queimando-os, servindo-se deles para fazer fogueiras e aquecer água para fazer chá e cozer massa. As escolas sofreram pilhagens e destruição de toda a ordem. (SOUSA, 2007, p. 70)

Há passagens chocantes, em que a humilhação do já prisioneiro Colibere e colegas chega ao nível do inimaginável, o desespero é dominante e a vontade de morrer torna-se o melhor desejo para findar com o masoquismo do exército indonésio:

Um choro fúnebre dominou todo o recinto, metendo medo a todos, inclusive aos vizinhos que passaram uma das noites desastrosas, como muitas vezes tinha acontecido. Os homens procuravam cobrir os

---

<sup>4</sup> Em indonésio significa: “Atiro-te morto no lugar”.

órgãos genitais com as mãos, as mulheres apertando as pernas e com as mãos procuravam cobrir os seios, enquanto dos olhos brotavam lágrimas inconsoláveis.

E depois, o sargento abriu a gaveta, puxou de lá uma cassete, pôs no gravador e apertou *play*.

(...)

“Homens, peguem nas mulheres e dancem!” – gritou o sargento.

(...)

Depois desta cena de dança macabra, o sargento gritou:

“Mulheres, deitem-se!”

(...)

O sargento deu ordem aos soldados e aos *mauhus*, gritando:

“ – Trepem nestas mulheres.” (SOUSA, 2007, p. 83-84)

Não há arma de guerra mais poderosa que o rebaixamento do ser humano pelo próprio ser humano. A literatura produzida como compartilhamento da dor tornou-se o ponto de partida para as obras em Língua Portuguesa de Timor-Leste surgirem.

### **A frente literária para a defesa dos direitos humanos do povo timorense**

O líder da guerrilha, poeta, pintor e político Kay Rala Xanana Gusmão, em momento crucial da história de Timor, forjou sua única obra poética combinada com pinturas produzidas durante o período de encarceramento. O que viria a ser o multienunciador da causa timorense, quanto à luta pela expulsão dos indonésios, expressou em versos e pinceladas a reivindicação pela liberdade de seu povo – diminuído pela diáspora e, principalmente, pelo assassinato em massa.

Negado a ele o exercício da resistência via confronto estratégico em território timorense, encontrou na poesia outro meio de enunciar o conjunto de ideais a que a escritora portuguesa Joana Ruas definiu como *almamundo*, atribuição relacionada ao senso de coletividade do povo leste-timorense, determinante para o movimento da resistência.

Mia Couto-prefaciador aponta a importância da confecção dos versos de Gusmão-aprisionado como ato revolucionário, porque “Para roubar o país a este patriota era preciso roubá-lo do país. Afastá-lo para dentro, para um dentro tão interior que nenhum fora chegasse. Adentrando numa cela, Xanana nunca esteve tanto no mundo” (GUSMÃO, 1998, p. 8). Ainda no prefácio-manifesto, tem-se o reconhecimento de um heroísmo que se quer partilhar, o entendimento da função a que se coloca a poesia e a confirmação de uma aliança:

Quando perguntaram a Ho Chi Minh como ele, em regime prisional, tinha produzido tão belos poemas de amor, ele respondeu: «Desvalorizei as paredes». A estratégia da poesia será, afinal, sempre essa: a de desqualificar

o escuro.

Numa cela isolada, um homem escreve versos. Reclama o simples direito de ter um mar, um céu que, sem temor, embale Timor. Neste simples acto, este homem de aparência frágil, desqualificou as paredes, convocou a nossa solidariedade e negou o isolamento. (GUSMÃO, 1998, p. 8)

Neste sentido, o projeto que significa *Mar Meu* quer como interlocutores não somente a comunidade internacional, mas os próprios timorenses, uma vez que foi forjada em tétum e em Português, além de ter sido traduzida para o inglês. Nove poesias compõem o livro, encabeçadas pelo poema anunciativo do estado de torpor e privação de direitos, realidade bravamente sustentada por anos até a conquista da independência:

Estou em guerra  
o céu não é meu  
Estou em guerra  
o mar não é  
meu Estou em  
guerra  
e a vida só se conquista  
com a morte...  
na esperança de recuperar  
O meu mar! (GUSMÃO, 1998, p. 12)

De pronto, percebe-se que a obra está posta a serviço da causa da libertação social e nacional do povo de Timor-Leste. E daí ser pensada como literatura de resistência, isto é, um produto literário elaborado no período em que vigora o colonialismo, que cumpre uma destacada função de denúncia, oposição e combate ao poder imperialista de uma realidade socioliterária resultante da imposição política e cultural em que está ausente qualquer tipo de autonomia (quer sistêmica quer política). E que mantém um código estético próprio e afastado de considerações válidas em termos de qualidade literária ou mesmo integração a um cânone mundial (periodização e gêneros literários, a literatura como luxo ou a exclusiva reivindicação do prazer do texto, entre outros).

Um lugar central é ocupado pela denúncia das atrocidades e do genocídio derivados da ocupação indonésia, material temático presente na, praticamente, totalidade dos poemas quer de uma maneira mais ou menos latente, como por exemplo, na metonímia utilizada para descrever os bombardeamentos procedentes dos barcos de guerra do colonizador/invasor: “Do mar, do meu mar,/ vinham tremores/ saídos de barcos” (GUSMÃO, 1998, p. 16), quer de maneira explícita e brutal por meio da linguagem descarnada utilizada, por exemplo, na descrição das torturas e violações de que são vítimas as mulheres de Timor pelos soldados ocupantes no poema intitulado “Gerações”:

... uma mãe gemia  
sem forças seu corpo desenhava  
marcas da angústia  
esgotada  
Os farrapos que a cobriam  
Rasgados  
no ruído da sua própria carne  
sob o selvático escárnio  
dos soldados indonésios  
em cima dela, um por um  
Já inerte, o corpo da mulher  
se tornou cadáver  
insensível à justiça do punhal  
que a libertara da vida [...] (GUSMÃO, 1998, p. 36-38)

Repare-se como Xanana denuncia o efeito devastador das torturas colocando como objeto da brutalidade extrema dos militares indonésios a figura vulnerabilizada da mulher, continente de vida, imprescindível geradora do porvir e vítima da agressão sexual praticada como arma de guerra pelas forças de ocupação. Porém, ainda na poesia de Xanana Gusmão “Gerações”, é a mesma violência da repressão que quer matar na raiz o futuro de Timor, a parteira da resistência necessária para a construção, por meio da luta, de um futuro livre.

Desta maneira, a poesia quer cumprir a sua função de chamada à mobilização e à resistência coletiva no interior da pátria ocupada; utilizada “para criar filhos/ e ensinar-lhes a crescer e a amar/ a Pátria de Timor!”. (GUSMÃO, 1998, p. 31). A obra de Gusmão formula a (des)esperançada realidade de que só o sofrimento pode trazer a libertação, evidenciada em “Esperanças rasgadas”:

Timor  
onde as pessoas  
nascem para morrer  
pela esperança  
em rasgos de dor em  
rasgos de carne em  
rasgos de sangue em  
rasgos de vida em  
rasgos de alma em  
rasgos  
da própria liberdade  
que se alcança...  
com a morte! (GUSMÃO, 1998, p. 26-28)

A poesia de Xanana Gusmão pretende funcionar no interior da terra devastada como instrumento de denúncia da opressão e chamamento à revolta, assumindo e utilizando em seu benefício a componente épica ligada à renúncia à própria vida ou à liberdade individual que a

longa marcha cara ao fim da opressão pode implicar para quem se envolver na luta.

Nesse sentido, na lógica épica da resistência, os oprimidos são elevados à categoria de heróis que acrescentam um caráter simbólico perante ao povo em progressão ao sofrimento impingido pelo opressor; e entre eles, em lugar destacado, também se encontra o poeta-soldado, símbolo máximo e referência indiscutida na resistência maubere, sobretudo a raiz do seu aprisionamento pelas tropas da Indonésia em “20 de Novembro de 1992”, poema este datado no mesmo dia, porém de 1995, em que Xanana Gusmão lembra “A amargura da sorte/ que parou uma marcha/ na luta” (GUSMÃO, 1998, p. 34), e mudou o seu destino para sempre.

Entretanto, com um sistema literário praticamente inexistente no interior da terra ocupada, em condições materiais de produção da literatura inviáveis, sem instituições, sem público alfabetizado, sem distribuição, a poesia da resistência timorense só encontra no exterior o espaço necessário para a sua circulação e funciona, conscientemente, como instrumento a serviço da internacionalização da luta, e como, chamamento à solidariedade.

E se no prefácio ao cuidado de Mia Couto fica já esclarecido que “os timorenses não estão sós: por isso não estão condenados ao silêncio” (GUSMÃO, 1998, p. 8), através do poema “Paz, 'Ngola!” é o próprio Xanana Gusmão quem procura as analogias entre o sucedido processo de libertação do povo angolano e aquele que estava a sofrer na altura o povo de Timor; e coloca o fecho de ouro à ponte entre o passado e o futuro do seu país dirigindo-se à “mulher negra, mulher/ irmã, guerreira companheira” angolana para lhe dizer que “Fomos irmãos, somos irmãos/ na dor das LUTAS/ Somos irmãos, seremos irmãos/ Na liberdade da PAZ” (GUSMÃO, 1998, p. 24).

Atendendo à interlocução reivindicada, Mia Couto, José Eduardo Agualusa, José Craveirinha, Joana Ruas, Sophia de Mello Breyner Andresen, Teresa Amal, José Jorge Letria, José Rodrigues dos Santos, Pedro Rosa Mendes e Luís Filipe Thomas são exemplos de escritores que concederam resposta ao não somente tomarem conhecimento das obras timorenses no período de anulação identitária e massacre, mas ao legitimá-las, colaborando para uma produção com horizontalidade de relações. Incutindo-se da negação da perspectiva cêntrica, mobilizaram-se dialogando pela margem, na contramão de uma canonicidade empenhada em fixar modelos de alta cultura e literatura.

O descortinamento da crítica, cujo polo do debate postula a inevitabilidade valorativa, é, no mínimo, arriscado, haja vista a pouca abertura do cânone mundial a escritores, sitiados pela localização periférica de produção literária, como também pelo desprestígio em termos de língua de publicação das obras. Não somente a literatura portuguesa, mas a língua

portuguesa em si não estão próximas de, reconhecidamente, integrarem a tradição ocidental numa posição pareada à francesa, inglesa, italiana e alemã, por exemplo. Ser um país europeu não significa ter o passaporte para uma posição hierárquica compatível aos demais, havendo sempre, nesta lógica, centros e periferias. Mas, e quando as relações humanas superam os limites empoderados (e empoderam), são transferidos à literatura, que, por sua vez, oferece interpretação de uma possibilidade de estruturação de um campo literário em um país ainda mais periférico, porque é oriental, como Timor-Leste? Ora, ocorre a manifestação da solidariedade literária, a reverência às idiosincrasias sociais exclusivas dos timorenses, a elevação de um povo a fenômeno literário.

Timor-Leste ofereceu, aos que o conheceram, a revelação de um modelo social que foi de encontro à lógica economicista disseminada, inclusive, emolduradora de um crônico individualismo e descrença nos valores humanos em detrimento do poder e monetarismo de tudo. As relações humanas, portanto, acabam por serem regidas à medida que a troca vantajosa, o *status*, o poder financeiro são ou não compartilhados, o que gera novo capítulo e contexto para o *apartheid* social se concretizar. Percebe-se uma crise nas relações das sociedades contemporâneas, por estarem cada vez mais distanciadas e voltadas para interesses próprios, tornando-as, quase sempre, alheias aos acontecimentos da comunidade mundial.

A aproximação de mundos via advento de novas tecnologias de comunicação ainda não foi suficiente para despertar o real interesse pelo outro, porque estão demasiadamente ocupados para se relacionarem ou se envolverem. A aceitação passiva de que o resultado do modelo econômico em voga, intencionalmente, promove a desigualdade e esvazia o sujeito de humanidade, oportuniza graves crimes em nome da tomada do poder e de recursos naturais. Timor, neste sentido, foi vítima.

Pensar no insuficiente volume de produções, no falhado público leitor, no quase nulo acesso às editoras, na dispersão dos escritores, nos interstícios em detrimento da certeza da continuidade e renovação de produtores literários como questões que inviabilizam a existência de um sistema literário timorense procede, é justo. No entanto, como desvio à concretização de uma literatura essencialmente nacional e molde de sistema fechado, a dinâmica da relação humana toma à frente, capta escritores, leitores, meios de legitimação, causa, temas, gêneros, extrapolando as fronteiras para promover o encadeamento das relações na dimensão do texto literário, sem impedimentos geográficos, políticos, raciais, culturais e identitários.

O simples gesto de erguer o olhar, arraigado sob a burocratização dos contornos da soberania territorial e cultural individual, para voltar-se ao outro e neste outro encontrar a si mesmo reitera o alicerce sustentado pela diversidade de sujeitos e lugares de elocução. Isto é

possível pela concepção de as relações literárias gerarem *corpora* desprendido dos respectivos sistemas literários, e, um a um formar o tecido de uma rede contundente de vozes que dilatam a densidade da literatura produzida por timorenses.

Não há sistema, portanto: soterram-se escritores e obras de timorenses; analisam-se insuficientes obras timorenses sugerindo ser o próprio naufrago dentro das produções das literaturas de língua portuguesa; ignoram-se, no conjunto de publicações de literatas estrangeiros, os títulos dedicados a Timor e a motivação disso; e por fim, acredita-se que a única maneira de realização, organizada e inteligível, da literatura de um país reconhecidamente advir culmina no atendimento aos requisitos prescritos por Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira*:

(...) a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. (CANDIDO, 2009, p. 25)

Sintomaticamente, percebe-se um empenho quanto à intencionalidade do efeito rizomático (no sentido proposto por DELEUZE; GUATTARI) a que a literatura produzida para Timor tende a significar. A relação redentora (no sentido primevo da palavra – como revelação libertadora) pelas verdades culturais do povo leste-timorense puderam desfazer limites, fronteiras, paradigmas, diferenciações. Joana Ruas, na primeira narrativa de *Crônicas Timorenses*, aponta a tendência ao acolhimento e abertura de um povo por si só diverso: “Os Timorenses não se sentem ofendidos por diferenças de crença ou ideias políticas. As únicas ofensas ressentidas são as que causam dano material ou moral a outro. Mas reparam o dano para que a ofensa não se torne um hábito e o hábito, por imitação, em costume” (RUAS, 2009, p. 19).

Na publicação da palestra “Aproximar o distante – do estranho ao familiar, duas experiências: Timor-Leste e Guiné-Bissau” (2009), também de Joana Ruas, a escritora oferece grande contribuição à compreensão da autenticidade timorense, fundada no que chama de *almamundo*. É pensada como concepção coletiva das relações, sentimento partilhado, ampliação das fronteiras identitárias e convocação a valorar a vida, assim como os sacrificados com a morte:

Em contacto com o povo de Timor-Leste, já na sua causa de libertação nacional, compreendi que, como cada um deles, eu era parte de uma *almamundo*. O episódio que mo revelou passou-se do seguinte modo:

preparando uma conferência sobre identidade e luta de libertação nacional, a minha abordagem incidiu sobre os seus poetas que se exprimiram em língua portuguesa. Um desses poetas, Jorge Lautém, mereceu a minha especial atenção não só pelos seus poemas impregnados de uma cultura profundamente oriental, hinduista, mas sobretudo pelo facto de Jorge Lautém ter sido um dos que desapareceu durante a invasão para não mais ser visto. Fiquei com essa dor no coração, a dor pelo seu sofrimento e pela sua morte, pelo seu génio tão precocemente ceifado. Na esperança de ter notícias suas, sempre que me encontrava com timorenses perguntava por ele e obtinha deles esta resposta enigmática: Jorge Lautém é você. Como é normal entre nós, eu desfazia o engano afirmando a minha identidade. Como insistissem, encarei esta atitude como um enigma posto não só à minha inteligência, como ao meu sentimento e à minha cultura. Uma vez, ao lembrar o assassinato de Sebastião Gomes Rangel, um estudante de 18 anos cujo funeral desencadeou o massacre de Santa Cruz, espantou-me que muitos deles me respondessem, o Sebastião sou eu. (RUAS, 2009 p. 5)

O sentimento de *almamundo* em relação à opressão indonésia, para além de colocar à prova o sentido de coletividade e afirmação da identidade timorense; reunir e evidenciar a representatividade de intelectuais disponíveis; eleger líderes e heróis da independência; abrir precedente à diáspora; confrontou e venceu o discurso imperialista hegemônico da frente inimiga. Isto é dizer que a dinâmica de vida e de morte do povo timorense se modificou e que o revigoramento ideológico se prostrou como um desvio à regra: o insucesso da obrigatoriedade individualista, economicista e subversiva a que o mundo se pauta, porque aprenderam e internalizaram a resistência, ou seja, a luta implacável pela garantia de ser timorense.

Exemplos literários circulam como o “Poema Pacto de Sangue”, em que se sela os laços de irmandade entre Ruy Cinatti e um *liurai*<sup>5</sup> timorense, um dos primeiros textos a tornar literário a comovente imagem da aproximação de culturas em prol de algo maior, neste caso, a condenação à opressão colonial portuguesa:

Nobres há muitos. É verdade.  
Verdade. Homens muitos. É muito verdade.  
Verdade que com um lenço velho  
As nossas mãos foram enlaçadas.

Nós, como aliados eu digo.  
Panos, só um, tal qual afirmo.  
A lua ilumina o meu feitio.  
O sol ilumina o aliado.

Água de Héler! Pelo vaso sagrado!  
Nunca esqueça isto o aliado.  
Juntos, combater, eu quero!  
Com o aliado, derrotar, eu quero!

---

<sup>5</sup> Em tétum, significa a função social de guerreiro.



A lua ilumina o meu feitio.  
O sol ilumina o aliado.  
Podemos, talvez, ser derrotados  
Ou combatidos, mas somente unidos. (CINATTI, 1990, p. 45)

Ou a de Luis Filipe Thomaz em *País dos Belos – achegas para a compreensão de Timor-Leste* (2008) em que inicia o compêndio de artigos – resultado de uma preocupação historiográfica combinada a repetidas incursões a Timor – com a poesia “Fraternidade”, cuja dedicatória é dirigida ao anônimo timorense morto pelas mãos dos soldados indonésios, coloca-se como irmão-*mon*<sup>6</sup> de seu já irmão-*alin*<sup>7</sup> no desejo pelo encontro da paz:

*A um anónimo Mau Bere com que topei um dia,  
sepulto à beira de um caminho em Lolotoe*

Lá na montanha, à sombra de um gondão,  
Com espesso matagal por cercadura,  
Numa singela, humilde sepultura,  
Dorme seu sono um corpo de cristão.

Nem uma voz que quebre a solidão...  
Nem letra nem sinal na lagem dura...  
Só uma cruz de pau, já mal segura,  
Me indica que ali jaz um meu irmão.

Não sei quem és, irmão, nem que fizeste,  
Se és homem se mulher; mas tanto faz:  
Roga ao Senhor que na mansão celeste,

Juntos, um dia, achemos tanta paz,  
Quanta achámos naquele lugar agreste,  
No ermo monte em que o teu corpo jaz. (THOMAZ, 2008, p. 8)

O irmão-*mon* José Jorge Letria oferece em *Timor, litania por um povo em pranto* (1999) versos contidos de revolta, indignação e profunda solidariedade, o que chama “de uma circunstância comovida”. Alguns dos poemas eram lidos nas rádios TSF e RDT/Antena 1 com endereçamento certo e esperançoso, como a poesia “Abraço a Xanana Gusmão”:

Eu sei a teu respeito, meu caro Xanana Gusmão.  
apenas aquilo que os teus olhos dizem  
com uma eloquência que os discursos  
nunca poderão igualar. E sei mais.  
Sei que há em ti a sabedoria ancestral  
dos príncipes e dos oficiais da claridade.  
Tu escreveste com paciência e dor  
as Mauberíadas da grandeza do teu povo.

<sup>6</sup> Em tétum, significa irmão mais velho.

<sup>7</sup> Em tétum, significa irmão mais novo.

E Lisboa, ao ver-te chegar, descobrirá  
que, contigo e com o sofrimento de Timor Leste,  
se tornou capital do coração  
só para te dizer que aqui, enfim livre,  
tens o afecto e a partilha  
que a vida tantas vezes te recusou.  
(LETRIA, 1999, p. 34)

Outra irmã-*bin*<sup>8</sup>, Teresa Amal, nascida em Angola, demonstra seu engajamento, e consequente relação com Timor ao fazer parte da ONG “Acção Jovem para a Paz”. Foi designada para participar da Missão Oficial de Observação Portuguesa, de maneira a acompanhar a preparação e a realização da Consulta Popular prevista pelo Acordo de 5 de Maio, assinado por Timor e Indonésia. Antes mesmo de se deslocar ao país, relata em *Timor Leste: Crónica da Observação da Coragem* (2002) a motivação pela qual se interessou em se candidatar para a “missão” em questão. Deve-se ao contato com as palavras de Xanana Gusmão, que não somente repercutiram junto aos guerrilheiros, mas arrebataram a comunidade internacional, oferecendo a todos a real chance de combate, de comoção, de tomada de atitude por uma causa de regaste da dignidade humana:

A vida é-me muitas vezes pesada. A lucidez torna-a muitas vezes quase intoleravelmente penosa. Acreditar na liberdade, na justiça, na compaixão, nas diferenças, no génio criativo da mente e da alma humanas, são os campos de resistência permanentes em que me movo. Eles alimentam as minhas alegrias e renovam a minha confiança. Até hoje, as palavras que com mais força ressoaram dentro de mim, inscrevendo nelas grande parte das minhas esperanças e convicções são aquelas com que o Comandante Kay Rala Xanana Gusmão, num momento particularmente difícil da história de libertação do Povo e Nação timorenses (tinha sido recentemente preso), responde aos desalentados da Lutas: *a luta ganha-se aqui, depois aqui*, apontando para a cabeça e depois para o peito. (AMAL, 2002, p. 12)

Percebe-se o não disfarçado envolvimento, o posicionamento tão sintonizado com o ideal do observado: a admiração, a entrega, a necessidade do registro, de ser possível resistir diante do improvável direito de ser timorense em território timorense. Ainda que se apresente em tom pessoal e de efetivo diálogo com o povo timorense, é também um registro histórico e contextualizado de Díli no coração da tragédia.

## Conclusão

O conjunto de vozes apresentadas faz com que se entenda o quanto Timor é, em

---

<sup>8</sup> Em tétum, significa irmã mais velha.

verdade, um mundo culturalmente integrador da lusofonia, construído a partir de inúmeros encontros fadados a inaugurar indefinidas fronteiras entre mito e realidade, estória e História, sonho e vida, passado e presente, escrita e oralidade, o eu e o outro – para existir o nós: uma rede de solidariedade em defesa da dignidade do povo de Timor.

Por fim, a literatura pode aderir à militância, intervir não somente como a difusora de denúncias contra os direitos humanos, mas como registro para a construção de uma memória fundamental para o desenvolvimento da humanidade. A referencialidade dos textos produzidos às atrocidades a que o povo timorense foi submetido compõe um projeto maior de manutenção da resistência timorense como meio de preservação de valores que lhes são caros.

### Referências bibliográficas

- AMAL, Teresa. *Timor Leste: Crónica da Observação da Coragem*. Coimbra: Quarteto, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Sete Mulheres de Timor*. Coimbra: Acção para Justiça e Paz, 2005.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner; MORAIS, Graça. *O Anjo de Timor*. Santa Maria da Feira: Cenateca, Associação Teatro e Cultura, 2003.
- APARÍCIO, João. *À janela de Timor*. Lisboa: Caminho da Poesia, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- CARDOSO, Luís. *Crónica de uma travessia – A época de Ai-Dik-Funam*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- CINATTI, Ruy. *Um Cancioneiro para Timor*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.
- ESPERANÇA, João Paulo Tavares. Um brevíssimo olhar sobre a literatura de Timor. *Várzea da Letras*, Edição 04. Suplemento Literário de Semanário. Ano 2003, 2004. p. 163-172
- GUSMÃO, Xanana. *Mar meu*. Lisboa: Instituto Camões, 1998.
- LETRIA, José Jorge. *Timor, litania por um povo em pranto*. Lisboa: Hugin, 1999.
- RUAS, Joana. *Crónicas Timorenses*. Santa Maria da Feira: Calendário de Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. Aproximar o distante - Do estranho ao familiar, duas experiências: Timor-Leste e Guiné-Bissau. *Revista de Cultura*. n. 7. Fortaleza, São Paulo - janeiro/fevereiro de 2009.
- SANT'ANNA, Sílvio L. (org.). *Timor Leste, este país quer ser livre*. São Paulo: Martin Claret, 1997.
- SOUSA, Domingos de. *Colibere, um herói timorense*. Lisboa: Lidel, 2007.
- THOMAZ, Luís Filipe. *País dos Belos, achegas para a compreensão de Timor-Leste*. Coleção Oriente. Macau: Fundação Oriente, 2008.